

CARTAS DE AMOR

Bob Welch

Quase todo mundo sabe que a avó de Sally jamais mexeu em um computador. Ela também não gostava muito de fazer telefonemas. Em vez disso, comunicava-se com sua família, já bem numerosa, por intermédio de algo melhor do que qualquer coisa que a alta tecnologia pode oferecer, até mesmo melhor do que e-mails.

Ela mantinha contato com todos nós pelo v-mail - vó-mail.

Gram Youngbergh, que morreu no outono de 1997, aos 95 anos de idade, escrevia cartas. Milhares de cartas ao longo de várias décadas, a maioria das quais minha esposa guardou. Parte do legado de Gram foi a maneira como ele viveu, mas a outra parte dele foram as palavras que nos deixou - palavras que se tornaram uma extensão da mulher que as escreveu. Palavras que ajudaram a sustentar e a ligar as partes interdependentes de sua árvore genealógica, seu maior legado.

Elas nos revelam uma mulher simples, o sal da terra, que observava as idas e vindas diárias das pessoas com um entusiasmo minucioso. Como Emily, a jovem da peça *Our Town* [Nossa Cidade], de Thornton Wilder, que questiona se alguém, além dos "santos e poetas", realmente percebe as nuances da vida à nossa volta. Gram era também como os "santos e poetas", pois sempre observava o "badalar do relógio, os girassóis da mamãe, os vestidos bem passados e os banhos de banheira, bem quentinhos ... ". Mais do que tudo, prestava atenção à família numerosa e aos amigos.

Em uma de suas cartas escreveu: Bud Payne ainda está preso em casa devido à ruptura do ligamento do joelho ... Max Coffey planeja ser o mecânico da equipe médica que irá ao Haiti em novembro ... meu Deus, como Brad e Paul cresceram!.. ..

As cartas falam de uma pessoa para quem os outros eram prioridade, pois tinham grande importância para ela. Sempre escrevia mais a respeito dos outros do que de si própria. Van-gloriava-se com as vitórias de sua família e se compadecia das derrotas. Acolhia os novos membros da família como se fossem velhos amigos que, embora não tivessem nenhum vínculo de sangue, pertenciam ao núcleo familiar. Sempre se surpreendia mais com os feitos dos outros do que com os seus, não obstante estes fossem numerosos.

"Sally, estamos orgulhosos de você e Ann, que estão fazendo sua parte ao auxiliar os outros no Haiti ...

"Hoje, dei um jeito nos carrinhos de bombeiro de madeira, que serão doados a crianças necessitadas. Lixei-os e passei uma nova mão de tinta. Levei apenas 20 minutos para dar uma melhorada em cada um deles."

As cartas falam de uma pessoa que tinha o coração voltado para as crianças.

"Estou gostando muito de dar aulas na Escola Dominical. Tenho um grupo de oito crianças, entre cinco e seis anos, e elas são encantadoras."

"Os desenhos de seus filhos são incríveis. As vacas que Ryan desenhou são ágeis e alegres e transmitem vivacidade."

As cartas falam de alguém que se alegrou com a criação e a generosidade do Senhor no clima, no solo, nas estações e no pôr-do-sol. Ela escrevia coisas como: "Estou ocupada com a colheita de verão dos índios. Adoro esta época do ano. Conge-lar o milho, secar as ameixas e acabar de fazer as conservas. A produção de maçãs - e de peras também - foi muito fraca, e as poucas frutas que pudemos colher estavam cheias de bicho e nada suculentas. No entanto, tivemos pêssegos em abundância e eles estavam deliciosos".

Em outra carta, podíamos ler: "Os termômetros estão na marca de - 6°C e há uma camada de gelo cobrindo tudo. Neva nas montanhas, mas aqui ainda não!". Em outra: "Você tem visto os esplendorosos pôr-do-sol: um deles ontem, e outros durante a semana. É maravilhoso poder vê-los para apreciar o trabalho da mão do Senhor".

As cartas dela estavam repletas de receitas, notícias sobre as galinhas, o gado e as toupeiras, também novidades sobre costura ou festas comunitárias na igreja e, obviamente, sobre Pop. Ela sempre reservava parte de seu tempo para saber como estavam todos em nossa família. Ela adorava os pontos de exclamação e, em raras ocasiões (como quando soube que o marido de sua neta retornara para casa após o serviço militar), desenhava rostos com um grande sorriso.

Ela raramente reclamava. Bem, algumas cartas incluíam linhas emocionantes e nostálgicas, principalmente após a morte de Pop. Sentia-se só. No entanto, a maior parte do tempo tinha a estranha habilidade de ver o contorno prateado nas nuvens carregadas, pois aceitava o fato de que a dor e a perda faziam parte da vida, da mesma forma que a seca e o granizo faziam parte da lavoura.

Certa vez escreveu: "Pop está cansado, mas não temos do que reclamar".

Em outras cartas, em que exaltava as conquistas de outros membros da família, podíamos ler: "Na verdade, somos muito afortunados".

Se Gram estivesse viva, sei como reagiria a esses relatos entusiasmados que fazemos a respeito de sua vida. Reagiria da mesma forma que o fez certa vez, quando lhe disse que ela era um exemplo para a minha vida, e que eu me sentia muito feliz por fazer parte da família.

"Bob, obrigada por sua carta lisonjeira, mas para ser sincera, não mereço tanta honra, pois faço apenas o que é natural. Quando era criança, aprendi a fazer e a utilizar o que estivesse à mão. Então, faço apenas isso."

Décadas de cartas. Cartas cujos selos, apenas nos últimos 25 anos, subiram de oito centavos para 32. Cartas que, por algum tempo, enquanto se recuperava de uma fratura, foram escritas com a mão esquerda. Cartas que vinham assinadas Grame Pop, e, posteriormente, apenas Gram, até que pararam de chegar, mas só quando ela ficou fisicamente impossibilitada de escrever.

Cartas que nos faziam lembrar que Gram realmente tinha dois canteiros: um com cenouras e ervilhas e tomates e milho, e o outro com um filho e duas filhas e netos e bisnetos e sobrinhos.

Paulo, ao escrever uma carta para a igreja em Corinto, diz: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os

homens" (2Co 3.2; MELHORES TEXTOS). De certo modo, a vida de Gram foi uma longa carta de amor ende-reçada à família, aos amigos e a Deus. Uma carta extensa, de 95 anos.

Nada poderia deixá-la mais feliz do que saber que guar-damos essa longa carta em nossas carteiras e bolsas - melhor ainda, que a acolhemos em nosso coração - e que procuramos seguir o exemplo dela, dedicar a vida ao outro. Ela, certamente, gostaria que sempre buscássemos o melhor em cada um de nós e que fizéssemos o melhor com as circunstâncias disponíveis. E, é claro, sem jamais esquecer de parar para alegrar-se com a alvo-rada e o pôr-do-sol: "É maravilhoso poder vê-los para apreciar o trabalho da mão do Senhor".